



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JOSELÚCIA RODRIGUES DE ARAÚJO

**AÇÕES COMPARTILHADAS: UMA REFLEXÃO A CERCA DA APRENDIZAGEM
DA CRIANÇA AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

JOÃO PESSOA- PB

2017

JOSELÚCIA RODRIGUES DE ARAÚJO

**AÇÕES COMPARTILHADAS: UMA REFLEXÃO A CERCA DA APRENDIZAGEM
DA CRIANÇA AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso apresentado no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como exigência para obtenção de título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janine Marta Coelho Rodrigues

JOÃO PESSOA

2017

A663a Araújo, Joselúcia Rodrigues de.

Ações compartilhadas: uma reflexão a cerca da aprendizagem da criança autista no ensino fundamental / Joselúcia Rodrigues de Araújo. – João Pessoa: UFPB, 2017. 30f.

Orientadora: Janine Marta Coelho Rodrigues
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Autismo. 2. Prática pedagógica. 3. Currículo. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO

Título do trabalho

Autora: JOSELUCIA RODRIGUES DE ARAÚJO

Defesa em ____/____/2017

Conceito obtido _____

Nota obtida _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Janine Marta Coelho Rodrigues

Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Roberto Derivaldo Anselmo

Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Tânia Lúcia Amorim Colella

Dedico todo meu trabalho ao meu inesquecível pai, Augusto de Araújo, (in memoriam) um homem simples que mesmo sem nunca ter sido alfabetizado mostrou a mim e aos meus irmãos (as) com minha amada mãe Maria Lúcia Rodrigues de Araújo o caminho que eu deveria seguir com muito amor, humildade, para que hoje eu pudesse ser um exemplo de educador.

AGRADECIMENTOS

Primeiro que tudo agradeço a Deus que me deu forças, estímulos e capacidade para que eu pudesse chegar até aqui. Ao meu esposo: Gilvan Ângelo da Silva, que acreditou no meu desempenho e capacidade para conseguir chegar até aqui, me dando amor, carinho e me apoiando para que eu superasse todas as dificuldades pra a realização dos meus sonhos.

Em especial aos meus três filhos: Geórgia Ângela Rodrigues da Silva, Georgiana Rodrigues da Silva Almeida e Giovane Rodrigues da Silva que são as pérolas mais preciosas que Deus colocou em minha vida, que mesmo para muitos que não acreditaram em minha capacidade por ter resolvido dedicar-se a eles, deixando a minha carreira profissional, pois eles foram os meus maiores incentivadores para que eu pudesse voltar aos estudos.

A minha estimada amiga: Maria Gorete Pereira Camboim, que sempre me estimulou nos estudos, acreditando na minha capacidade e nunca ter desistido de me orientar, onde juntas estudamos e dividimos as nossas dificuldades e experiências somando com muita alegria em nossa carreira acadêmica.

A Professora Janine Marta Coelho Rodrigues que foi uma excelente orientadora nos momentos precisos.

RESUMO

O presente trabalho versa a cerca do autismo e tem por objetivo analisar o processo de aprendizagem de um aluno com autismo, precisamente no ensino regular matriculado no quinto ano do ensino fundamental. O autismo é caracterizado como um transtorno, como uma doença que não tem cura. Esses que caracterizam o autismo em crianças que carregam conseguem essa síndrome é a comunicação social, a linguagem e o comportamento. A inclusão em classes de ensino regular é algo novo no processo de ensino de aprendizagem, esse tema é discutido com relevância na atualidade, devido ao processo de inclusão escolar das redes de ensino denominadas de comum. No contexto atual, sabe-se que uns dos fatores de ensino aprendizagem, e a escola tem um papel fundamental na forma de incluir essas pessoas no cotidiano escolar ou nas salas de aulas denominadas de multifuncionais. As práticas pedagógicas para atender essa modalidade de ensino devem ser implementadas de acordo com as diretrizes que operam as demandas para o ensino especial, e o profissional docente deve se adequar ao que pede às diretrizes que determinam como se rege as práticas para a qualificação desse profissional para que o mesmo siga elaborando atividades para que o aluno se desenvolva, e esteja incluso no contexto escolar, levando em consideração as orientações curriculares dos quais as diretrizes para educação especial institui. A pesquisa para concretização desse estudo foi de cunho exploratório e documental baseado em livros e em literaturas, sites da internet e artigos acadêmicos. A metodologia desse trabalho para essa modalidade de ensino baseou-se em leituras e no documento das Diretrizes Operacionais para o estudo da compreensão do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial (2009) que institui a educação especial demonstrando como as salas de atendimento educacional especializado conhecidas também como AEE devem serem instituídas para o atendimentos das crianças que necessitam de uma educação especializada.

Palavras-chave: Autismo Pratica Pedagógica, Currículo.

ABSTRACT

The present work discusses about autism and aims to analyze the learning process of a student with autism, precisely in the regular education enrolled in the fifth year of elementary school. Autism is characterized as a disorder, as a disease that has no cure. Those who characterize autism in children who carry it achieve this syndrome is social communication, language and behavior. Inclusion in regular education classes is something new in the process of teaching learning, this topic is discussed with relevance at the present time, due to the process of school inclusion of teaching networks called common. In the current context, it is known that one of the factors of teaching learning, and the school plays a key role in how to include these people in school everyday or in classrooms called multifunctional. And the teaching professional must adapt to what it asks for the guidelines to determine how the practices for the qualification of this professionals are governed so that they continue elaborating activities for the students, in order to continue developing activities for the students to develop and be included in the school context, taking into account the curricular guidelines from which the guidelines for special education establish. The accomplishment of this study was a result of an exploratory and documentary nature research based on books and literatures, internet sites and academic articles. The methodology of this work for this modality of teaching was based on readings and the document of the Operational Guidelines for the study of the understanding of Specialized Educational Attendance in Basic Education, Special Education modality (2009) that establishes the special education demonstrating how the attendance rooms educational services, also known as AEE, should be instituted for the caring of children in need of specialized education.

Key-words: Autism Pedagogical Practice, Curriculum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRIA DO AUTISMO	12
CAPÍTULO II - O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR	16
2.1 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	19
CAPÍTULO III - EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA NO CONTEXTO DO ENSINO APRENDIZAGEM.....	21
DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES NA ESCOLA	22
ENVEREDAMENTO DAS ATIVIDADES	22
MOMENTO DO RACIOCÍNIO	23
MOMENTO DA COMPREENSÃO	24
MOMENTO DA IMAGINAÇÃO	24
MOMENTO DA FUNÇÃO PERCEPÇÃO	25
MOMENTO RELACIONADO À MEMÓRIA	25
MOMENTO RELACIONADO À ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS	27
MOMENTO DA OBSERVAÇÃO.....	27
MOMENTO DA ATENÇÃO.....	28
EXPERIÊNCIAS VIVÊNCIADAS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

O Presente trabalho trata-se de um estudo sobre o Autismo, focado em uma experiência de um estágio obrigatório na sala de aula do ensino regular com um aluno especial possuidor da síndrome do autismo, do ensino fundamental ancorado em uma breve trajetória histórica da síndrome, com um recorte no currículo para a educação especial.

O Autismo é um distúrbio do desenvolvimento é conhecida e classificada como um transtorno que envolve grandes dificuldades, como déficit de intelectualidade, pensamento do tipo puramente figurativo, dificuldades de compreensão dos significados atribuídos dentre outros sintomas. Também é conhecido como uma alteração no cérebro que pode apresentar retardo intelectual, deficiência na fala afetando a comunicação e as relações sociais, além de desenvolvimentos do comportamento repetitivo.

Hoje no decorrer de muitas descobertas a inclusão da criança autista na escola de ensino regular já é possível acontecer, embora haja divergências e crítica sobre esse processo de inclusão. Infelizmente ainda ocorre o fato de essas crianças serem eliminadas do ambiente escolar, muito embora, as salas multifuncionais seja um ambiente alternativo para que a criança possa fazer atividades e se desenvolver.

O ambiente é fundamental para um bom desenvolvimento da criança autista. Para isso são necessários profissionais preparados e qualificados nessa área para poder atuar em sala de aula comum com essas crianças.

Hoje o autismo não é mais tratado como uma doença incurável. Falar sobre esse tema, para mim requer muita responsabilidade por ser de uma grande importância para a minha carreira profissional, já que o autismo no ponto de vista escolar das práticas pedagógicas requer uma preparação específica e um olhar especial para mostrar que essas crianças podem aprender e se relacionar socialmente e no ambiente escolar.

A justificativa para esse tema surgiu a partir de um estágio obrigatório que fiz no componente curricular Avaliação e Procedimentos de Intervenção no curso de pedagogia da UFPB, em uma sala de aula no quinto ano do ensino Fundamental com mais de vinte alunos dentre eles um aluno especial com síndrome de autismo clássico. Durante a experiência do estágio pude aplicar atividades e observar como acontece o processo de ensino e aprendizagem de uma criança especial sobretudo autista, dessa maneira pude atua na prática pedagógica e vivenciar uma experiência única para a minha profissão. Dessa maneira surgiu a minha pergunta.

Dessa maneira surgiu a minha pergunta. É possível a aprendizagem de uma criança com síndrome de autismo clássico em meio a tarefas sistematizadas?

Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho é expressar como acontece a aprendizagem de uma criança com síndrome de Autismo uma vez que poucos pedagogos tem em sua formação acadêmica uma formação especial para aplicar em sua prática pedagógica o que de fato as proposta para o ensino de educação especial pede.

Por conseguinte foram apresentada formas e reconhecimento do autismo, que as crianças que são portadoras da síndrome de autismo podem se socializar e vivenciar a aprendizagem do cotidiano escolar. Refletir sobre a importância de manter os autistas sob um ambiente rico de estímulos proporcionando atividades e um espaço no qual o aluno sinta-se acolhido.

Esta pesquisa foi de cunho exploratório e documental baseado em livros e em literaturas, sites da internet e artigos.

A metodologia desse trabalho baseou-se em leituras do documento das Diretrizes Operacionais que rege Atendimento Educacional Especializada - AEE (2009) para Educação Infantil que institui como deve ser institucionalizada a educação especial, além artigos e sites virtuais e em livros de pesquisadores que vai tratar do tema em questão.

O trabalho desenvolvido foi escrito da seguinte forma, no primeiro capítulo dissertei sobre uma síntese da história do autismo dentro da temática e a base epistemológica do autismo.

Já no segundo capítulo o assunto abordado será sobre o Autismo no Contexto Escolar, foi tratado assuntos relacionados com profissionais de educação do ensino fundamental para entender as forma como os professores devem aplicar das práticas pedagógicas instruídas pelos parâmetros que regem a educação voltada para alunos especiais. Dando ênfase as seguintes temáticas: Currículo, Práticas Pedagógicas no ensino fundamental para Educação especial.

Para concluir o último tema tratamos de um assunto relacionado á Experiência E Vivência No Contexto Do Ensino Aprendizagem, atividades aplicadas para uma criança autista em uma escola estadual de ensino fundamental.

Esse trabalho foi de suma importância para a prática profissional a realização das tarefas pedagógicas e o estudo teórico e as informações contidas nesse contexto, foram fatores determinantes para esse olhar especial e o desenvolvimento desse estudo.

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRIA DO AUTISMO

Os estudos sobre o autismo foi iniciado pelo psiquiatra Leo Kanner, em 1943, quando, ele então decidiu estudar um grupo de crianças que apresentavam comportamentos que era conhecida como uma espécie de anomalias que limitam a ausência de comunicação verbal e a falta de interagir com os adultos e também conhecida como uma síndrome. Desde então foram 11 casos diagnosticado em crianças de poucos meses de idade no ano de 1943 que foi diagnosticado como síndrome de Autismo o Pesquisador descobriu que as crianças, apresentavam sintomas que dificultavam a incapacidade de se relacionar – se com pessoas, e que elas sentiam falta de colo, atenção, aconchego e que descontextualizavam o uso das palavras e que demonstravam indícios de serem intelectuais e menos carinhosos.

Por isso é muito comum diagnosticar o autismo como um espectro de transtornos invasivos nos critérios que estão no formulário do diagnóstico das estatísticas (DSM-IV) da Associação Americana de Psiquiatria na classificação Internacional de doenças CID-10) que foi publicada na associação de saúde, onde diagnostica que o autismo é de origem desconhecida, mesmo que os estudos tenham apontado como um fator geneticamente associadas a algum distúrbio onde a criança autista apresenta características particulares e especiais, e que gera na sociedade a impressão de as pessoas que tem essa síndrome são consideradas problemáticas são incapazes de se desenvolver no meio social.

O prejuízo na comunicação também é marcante e persistente, afetando as habilidades tanto verbais quanto não verbais. Pode haver atraso ou falta total de desenvolvimento da linguagem falada. Em indivíduos que chegam a falar, pode existir um acentuado prejuízo na capacidade de iniciar ou manter uma conversação, um uso estereotipado e repetitivo da linguagem ou uma linguagem idiossincrática. Além disso, podem estar ausentes os jogos variados e espontâneos de faz de conta ou de imitação sociais apropriados ao nível de desenvolvimento [...] têm padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades. (APA, 1996, apud SUPLINO, 2007, p.28).

Ambos os manuais descrevem o autismo como uma alteração no trio: interação social, comunicação e comportamentos. Para muitos a descoberta sobre o autismo gera um grande impacto ao descobrir que tem um filho com essa síndrome. E ao mesmo tempo será um alívio saber que finalmente foi encontrada a resposta que realmente os pais queriam saber que seu filho é autista e que eles terão que aprender a conviver com essa síndrome de uma maneira que possa descobrir como deverá enfrentar e aprender a lidar tratando dessa situação frustradora que muitas das vezes fazem com que os pais se sintam totalmente esgotados

emocionalmente por terem escutado opiniões de médicos antes mesmo de diagnosticarem que seus filhos são autistas. Muitos desses médicos costumam diagnosticar que essas crianças sofrem de retardamento mental, outros dizem para os pais que tudo isso não passa de manhas, e que logo, logo, passará.

O autismo se manifesta nas crianças de formas totalmente diferentes, o transtorno aparece e se reflete com algumas características, dentre eles problemas de coordenação da marcha e nos movimentos, e prejuízo no desenvolvimento da linguagem.

De acordo com Rodrigues (2015, 2ª edição, p.17) a autora esclarece que,

Neste sentido, o pesquisador ou o estudioso do Autismo tem como compromisso primeiro desvendar um imenso espaço do conhecimento sobre o Autismo e dar a conhecer, caminhando em vagarosos e atenciosos passos, ultrapassando quadros estreitados por um diagnóstico, descrevendo o universo do autista como tal desenvolvendo estudos e divulgando achados compreendidos nas interações das especificidades de cada sujeito autista que se estuda.

Segundo alguns autores o autismo se expressa em cinco E ainda segundo Gomes (2007, p.6) “essa categoria engloba Transtorno Autista, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Global de Desenvolvimento sem outra especificação (autismo clássico)” categorias que se distinguem uma das outras tem sintomas e implicações variadas, entre os transtornos. Muitos cientistas mesmo sabendo da genética que diagnostica o autismo vivem intrigados com o desenvolvimento e as habilidades de uma criança autista.

É importantíssimo que o profissional tenha um diálogo com os pais dessas crianças para esclarecerem e também possam descobrir algo sobre o paciente e observem a criança em diversas situações como: escolas, sozinhas, acompanhadas, no consultório médico, com desconhecidos onde os pais possam estar presentes e acompanhadas por uma equipe de profissionais da área.

Atualmente existem soluções que permitem que sejam feitas um mapeamento genético para tratar individualmente os sintomas do paciente com síndrome de autismo.

O autismo é classificado também como um transtorno que envolve no desenvolvimento da criança, trazendo grandes problemas ao período de tempo em que diagnosticamente é atribuída aos interesses limitados e repetitivos na descoberta de anormalidades nas crianças antes delas completarem 36 meses de idade. O distúrbio cerebral dificultando a criança na comunicação e a estabelecer relações a ambiente em que convive.

Apesar de algumas crianças autistas, apresentarem sua fala e inteligência adequadamente intactas, também poderá apresentar algum retardo mental ou atrasos na linguagem.

Nos padrões dos comportamentos das crianças autistas, muitos deles são presos a restrições e regidas a determinadas situações onde é manifestada por uma distração da criança ou do adulto, em relação ao mundo que os cercam tendo suas relações afetivas distorcidas.

É muito comum saber que algumas crianças autistas não falam, e mesmo quando falam, elas costumam repetir palavras e sons que é conhecida como ecolalia. A palavra autista está relacionada as auto concentrações das crianças que tem uma incapacidade de se relacionar e a responder a estímulos emocionais.

Kanner (1943) nomeou o autismo como um distúrbio artístico do contato afetivo. É conhecido como um distúrbio igual ao de esquizofrenia que ao quadro clínico, trata – se de um desequilíbrio da pessoa que está apresentando uma aparência estável, mas o fato é que a criança com autismo não consegue distinguir e nem mesmo realizar algo para estabelecer contatos com o mundo em que vive. Em casos clínicos trata – se de um distúrbio que aparentemente demonstra que está desestruturado e que requer uma atenção especial para que se possa diagnosticar. Por tanto o autismo é uma síndrome de sintomas que estão presentes desde o nascimento da criança, mas que é diagnosticada a partir dos três anos de vida, essa síndrome é manifestada por respostas recorrentes durante aos estímulos auditivos ou visuais e complicações na linguagem oral. Porque a criança demora falar e quando ocorre, observamos a ecolalia (onde a criança costuma repetir as palavras), onde elas usam inadequadamente as pronúncias dos pronomes acarretando uma gramática imatura e dificuldades em utilizar termos abstratos. A criança autista tem um grande problema em se relacionar com outras pessoas, pois elas têm pouquíssimos interesses em se envolver com outras pessoas, não querem por hipóteses alguns contatos e tão pouco desenvolver conhecimentos sociais, seja oral, verbal ou corporal (gestos, mímicas etc.). Estes problemas aparecem antes dos cinco anos de idade, por terem dificuldades em ter um contato olho a olho, em grupos e às vezes choram descontroladamente ou ficam dando gargalhadas, sorri sem nem um motivo que chegam a pensar que estão com deboches. Elas não temem ao perigo como: alturas, automóveis ou até mesmo se balançar.

A Lei Berenice Piana, nº 12.764, aprovada no Congresso Nacional, e sancionada pela Presidência da República no dia 28/12/2012 representa um grande avanço na luta pela conquista dos direitos das crianças com a síndrome de autismo fruto da luta também das

famílias pelos direitos dos seus filhos incorporou contribuições relevante para uma sociedade que ao ver era muito excludente.

Foi a provado em 2012 uma lei especifica para pessoas com autismo A LEI DE PROTEÇÃO AOS AUTISTAS a Lei nº 12.764 no 28/12/2012. Atento à nova lei, ela trata de medidas necessárias ao acesso das pessoas com autismo à saúde, educação e assistência social. Em consonância com essa lei o Governo Federal, por meio do Ministério da Saúde (MS), produziu documento técnico intitulado Diretrizes de Atenção à Habilitação/Reabilitação das Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo no SUS.

A lei sancionada institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo significa o compromisso do país na execução de um conjunto de ações nos três níveis de governo, necessário à integralidade das atenções a estas pessoas, em tempo protege, e elimina toda e qualquer forma de discriminação, reafirmando todos os direitos de cidadania deste público alvo. Nesse contexto, a lei visa, “atender as principais reivindicações das famílias com relação ao acesso às informações de qualidade, serviços especializados acessíveis, apoio aos cuidadores familiares e garantia de direitos de cidadania.”

O mencionado marco legal é importante para viabilizar, direitos a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento; acesso á educação; à proteção social (benefícios, cuidados e moradia); ao trabalho e à provisões adequadas de serviços que lhes propiciem a igualdade de oportunidades.

CAPÍTULO II

O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

Muito se tem falado sobre o processo de inclusão e esse assunto tem sido o tema de estudos acadêmicos. No livro intitulado “Inclusão escolar, (MANTOAN, 2006, p.18) trata das questões de inclusão em seus questionamentos ela remete questões como: o que é? Por quê? Como fazer?” conceitua o termo ‘integração escolar’ como a inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, ou seja, é colocar o aluno em contato com um sistema escolar seja através de classe regular ou de classe especial.

Ela esclarece que,

Nas situações de integração escolar, nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção. Para esses casos, são indicadas a individualização dos programas escolares, os currículos adaptados, as avaliações especiais e a redução dos objetivos educacionais para compensar as dificuldades de aprender. Em suma: a escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptar às suas exigências.

Para a autora ela complementa ao analisar o processo da “inclusão escolar” é incompatível com ‘integração escolar’ uma vez que a primeira exige uma inserção mais radical, completa e sistemática, todos os alunos devem frequentar uma sala de aula comum do ensino regular, sem exceções, e ainda que os alunos com deficiência não tenham um atendimento e um currículo diferenciados dos demais discentes esse aluno deve ser incluso mesmo estando na condição de um olhar especial.

Os pais de crianças autistas, tem um papel fundamental em relação a assistência e supervisionar seus filhos durante todo o seu desenvolvimento infantil no acompanhamento. Pois ele é a base completa para cuidar e permanecer a maior parte do tempo acompanhando o desenvolvimento e estabelecendo vínculos que serão fundamentais para que possa obter todo o sucesso que for necessário no decorrer dessa nova etapa. Essa síndrome é conhecida como doença crônica, passando a se chamar por uma síndrome familiar.

Atualmente muitos desses pais se manifestam se culpando e com vergonha por terem um filho portador dessa síndrome, por isso acredito que muitos desses pais que tem uma criança autista em casa, necessitem de receber conselhos desde o momento em que for diagnosticada a síndrome e na evolução, buscando apoios com psicólogos sociais e econômicos.

De acordo com a Lei Nº 12.764, De 27 De Dezembro De 2012, que institui a política nacional de proteção aos direitos a criança com transtornos de autismo ela determina que no

artigo 2º em que, o desenvolvimento das políticas de atendimentos nas escolas deve ser consideradas que

Art. 2º I - a intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista; II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação; III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

Por isso existem escolas com esses projetos em desenvolvimento. Alguns pais estão procurando se apoiar em algumas leis que não são suficientes para tratar desse caso. Mas também existem dicas que podem facilitar o dia a dia dos familiares dessas crianças autistas.

A exemplo de ilustração os pais dessas crianças poderão contribuir com o desenvolvimento de seus filhos de maneira que elas possam viver positivamente dia após dia levando, considerando que a situação existentes não terão controle sobre o dia de hoje nem mesmo com o futuro que está a porvir, os pais não devem nunca subestimar o talento que tem seu filho. Dando sempre oportunidade para que ele possa desenvolver as suas qualidades, não se esquecendo de que ela é capaz de aprender. O filho deve sempre encontrar em sua família os sentimentos necessário para poder manter o equilíbrio lembrando sempre que essas crianças são seres especiais.

Essa ajuda poderá contribuir em relação a criança autista, e suas relações em parceria com a escola, facilitando o diálogo e ajudando seus filhos a interagir com as outras crianças para que possa facilitar uma forma segura e concreta para se comunicar.

É necessário que os profissionais da educação tenham uma dinâmica pedagogicamente adequada para que as tarefas que fossem ser realizadas diariamente estejam adequadas, com o intuito para que essas crianças não venham sofrer nem um tipo de frustrações, em relação as atividades e aos contextos escolar. Todo esse aparato trará, melhorias e capacidades para o desenvolvimento desses educando e que possa despertar neles um melhor desempenho. As atividades propostas pela a escola sejam em parceria com a família.

Educar crianças com síndrome de autismo é claramente visível para que se possa fazer a inclusão em uma escola regular, o profissional docente terá grandes desafios pela frente, na certeza que não é fácil, porém é necessário que se tente.

Os problemas manifestados como o da linguagem podem acarretar um obstáculo à comunicação, resistindo as mudanças no aprendizado permitindo o uso de técnicas tradicionais do ensino. Onde em algumas situações os profissionais poderão trazer

dificuldades e criar falsas probabilidades em alterar respostas que possam se tornar um grande desafio na área da educação.

MEC destaca o direito à educação inclusiva e ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), seja oferecido nas instituições com atendimento especializado, nesse sentido ele determina que o direito a educação seja,

reafirmando o direito à educação em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, em todo o território nacional, bem como, a receber os apoios necessários para o atendimento às necessidades específicas individualizadas ao longo de toda a trajetória escolar. Significa tomar uma série de medidas de capacitação dos professores e gestores; instituição do Plano Individual de Atendimento Educacional Especializado que considere as potencialidades do aluno; a viabilização de recursos educacionais, mediações e estratégias para o acesso à rotina escolar, dentre outras medidas.

No que se refere ao direito a acompanhante especializado na classe comum, nos casos de comprovada necessidade do aluno com autismo, com as determinações do artigo 3º, que rege os direitos da criança autista Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990, revogada 12.764/2012, pede-se que a lei seja determinada partindo das necessidades existente

Os processos de experiência existem diz que crianças que tem dificuldades em aprender como as demais crianças, que tem facilidade em aprender livremente tudo o que foi ensinado e explicado e útil no procedimento de intervenção onde os professores possam reconhecer que a criança com autismo deve ter um programa voltado na intervenção externa que proporcione para todas as orientadoras estruturas e estratégias detalhadas para que facilitem todas as melhorias significativas e funcionais e adaptações aos contextos escolares.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela (ONU, 2006, ARTIGO 24) esclarece que é dever do Brasil garantir que:

As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência; As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem

A convenção afirma que nem uma dificuldade seja alegada e que impeça dessa criança com síndrome de autismo ser excluída de sala de aula.

Mas entendendo que é um direito de exercer a cidadania para abrir caminhos rumo a uma escola na qual todas as crianças devem seguir independentemente das diferenças conforme preconiza a Declaração de Salamanca (1994).

Declaração da Guatemala - Decreto nº. 3.956/01 Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.

3.1 A Educação Inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado

A escola de ensino regular através de seu projeto pedagógico deve institucionalizar a oferta do AEE prevendo na sua organização:

I - sala de recursos multifuncionais: espaço físico, mobiliário, matérias didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos; II – matrícula no AEE de alunos matriculados no ensino regular da própria escola ou de outra escola; III – cronograma de atendimento aos alunos; IV – plano do AEE: identificação das necessidades específicas dos alunos, definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas; V – professores para o exercício de docência do AEE; VI – outros profissionais da educação: tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, guia-intérprete e outros que atuem no apoio, principalmente às atividades de alimentação, higiene e locomoção; VII – redes de apoio no âmbito da atuação profissional, da formação, do desenvolvimento da pesquisa, do acesso a recursos, serviços e equipamentos, entre outros que maximizem o AEE. (BRASIL, 2009, Art.10).

Conforme o artigo 59, a LDBEN, 1996 preconiza que os estabelecimentos de ensino devem garantir aos alunos da educação especial, currículos, procedimentos, métodos, recursos, estratégias, ou seja, uma organização específica para atender às suas necessidades.

Ainda para complementar as ações da educação especial, tem-se no artigo 24 do Decreto nº 3.298/99 que regulamenta a Lei nº 7.853/89, que a oferta da educação especial esclarecendo que

deve ser gratuita e obrigatória nos estabelecimentos públicos de ensino e que todo aluno com necessidades especiais têm direito aos mesmos benefícios concedidos aos demais alunos, como transporte escolar, merenda escolar e bolsa de estudos, ou seja, que eles não tenham tratamento diferenciado dos demais colegas devido a sua deficiência. O importante é que mesmo tendo suas diferenças, suas limitações, o aluno com deficiência seja tratado igualmente perante os outros colegas, pois as pessoas deficientes possuem os mesmos direitos de um “cidadão comum”, inclusive o direito de não serem discriminados devido à deficiência, como se pode ver na Convenção.

A escola deve promover práticas que promova o desenvolvimento da criança de acordo com o Decreto nº 6571, de 2008, (BRASIL, 2008, Art. 2), determina que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) é definido como “conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma

complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular” (BRASIL, 2008, Art. 1, Parágrafo 1) os objetivos definidos para promoção dessa prática diz que

I - prover condições de acesso e participação e aprendizagem no ensino regular aos alunos referidos no art. 1º 23; II – garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular; III – fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; IV – assegurar condições para a continuidade de estudo nos demais níveis de ensino.

A Educação Especial deve ofertar condições sejam eles de recursos pedagógicos, eliminando todo e qualquer empecilho que possa ser visto como barreiras para as ações de educação especial.

O AEE se destina a alunos com deficiência física, mental, sensorial (visual e pessoas com surdez parcial e total) Alunos com transtornos gerais de desenvolvimento e com altas habilidades (que constituem o público alvo da Educação Especial) também podem ser atendidos por esse serviço. A Escola comum deve organizar preferencialmente um espaço para a sala de recursos multifuncionais.

A escola é o lugar em que esse aluno de educação especial está sendo formado para a vida pública, construindo sua identidade, portanto O AEE do ponto de vista de uma escola comum estará afirmando o seu papel de oportunizar a inclusão.

Do ponto de vista constitucional O direito à diferença está também previsto na Constituição Federal de 1988, quando a lei prescreve no artigo 208 que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

III- atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Na perspectiva da educação inclusiva, sobretudo a Educação Especial o integra a proposta pedagógica junto ao AEE de acordo com a na Lei Diretrizes e Bases Educação Nacional, LDB 9394/96 em seu artigo 58 e seguintes parágrafo 2º, esclarece que,

Art. 59, parágrafo 2º. “o atendimento educacional especializado será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas escolas comuns do ensino regular”.

O atendimento no AEE deve se adequar e se adaptar em função do atendimento as crianças com suas necessidades específicas, nesse ambiente a criança, não pode enfrentar barreiras e os recursos de acessibilidade e pedagógicos deve funcionar com interação e com condições que promova uma educação o direito e o desenvolvimento da pessoa especial, garantindo o exercício da cidadania e com uma educação qualificada.

CAPÍTULO III

EXPERIÊNCIA E VIVENCIA NO CONTEXTO DO ENSINO APRENDIZAGEM

A presente experiência trata-se da descrição das atividades realizadas na escola regular de ensino com o aluno especial em uma turma do quinto ano um estudante autista, que tem doze anos de idade. Esse trabalho mostra o registro das aplicações das atividades proposta que realizei na sala de aula com o aluno vou denominá-lo de “L”, e como foi a atuação de fato da minha prática docente.

O componente que me proporcionou essa tarefa no cotidiano escolar voltada para Educação Especial foi o de Avaliação e Procedimentos de Intervenção. A escola regular onde aconteceram as ações foi a E.E.E. Fundamental Desembargador Braz Baracuchy, situada no bairro do Castelo Branco, na Cidade de João Pessoa - PB. As ações aplicadas no campo do estágio aconteceram cronologicamente em sete encontros, sendo os dois últimos onde realizei de maneira prática como é trabalhar na sala de comum e vivenciar o cotidiano de um aluno especial.

O eixo base para a concretização do trabalho foi, a partir de um diagnóstico da escola, do professor, aluno e a família.

Apesar da escola regular onde aconteceu a experiência vivenciada em uma escola local diz ser disponibilizada para atender essas crianças, a professora de sala de aula não incluía o aluno especial nas aulas e tinha atitudes de inclusão inversa.

Entendendo ser a inclusão algo positivo na realidade escolar e necessário para que aconteça o professor deve promover em sua prática interações com as de sala de aula, mostrando a elas motivos para que elas tenham um bom relacionamento com os outros colegas, ensinando – os a respeitar as diferenças de cada um. A inclusão é uma realidade onde os docentes poucos estão envolvidos. Pedagogicamente as práticas não são aplicadas e o desenvolvimento do aluno deixa a desejar, pelo fato de não participar incluídamente no contexto da sala de aula.

A escola deverá ser tão especial quanto acolhedora lembrando que mesmo cada um venha seguir seus caminhos tudo isso faz com que venhamos nos sentir mais humanos nos ensinando a olhar para o outro acreditando no potencial da criança e envolvendo ela de fato com a escolar, o currículo e o aprendizado respeitando as especificidades e necessidades do aluno especial. Sabemos que a inclusão não deve ser vista como um a opção ou estratégias.

As tarefas aconteceram da seguinte forma:

DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES NA ESCOLA

Para aplicar o exercício proposto, busquei apontar fatos, e ideias expressas de acordo com o contexto do aluno. Com as informações coletadas na escola, e na família pude enxergar e trabalhar na prática áreas de conhecimento do educando no eixo da educação especial. As aulas teóricas dadas na sala de aula pela professora Janine que orientou o componente curricular acima já citado foi fundamental, para o desempenho das tarefas. Um norte para que eu pudesse compreender e aprender um pouco como lidar e aplicar atividades, sobretudo para uma pessoa com autismo clássico, que foi o caso do aluno.

Para estruturar a aplicação das atividades para que o aluno atuasse no processo do ensino aprendizagem e pudesse mostrar suas habilidades e conhecimento, utilizei algumas funções, como a Raciocínio, Compreensão, Imaginação, Percepção, Memória, Associação de Ideias, Observação e Atenção.

Essas funções foram aplicadas seguindo uma sequencia opcional, porém de acordo com a sugestão orientado por minha professora poderia se aplicar as oito funções dividindo em dois momentos de quatro. E assim o fiz.

ENVEREDAMENTO DAS ATIVIDADES

Ao chegar na escola fiquei a espera da chegada do aluno que como de costume, só chegou na escola quase nove horas da manhã, ou seja nesse horário os colegas de classe dele já estavam se preparando para sair para o recreio e o lanche. Porém antes da chegada do aluno na sala de aula, conversei com a professora sobre a aplicação das tarefas daquele dia. Mostrei o material didático, e falei com ela sobre a importância do processo de inclusão, e necessidade da interação do professor para que venha acontecer.

Percebi que a professora ficou muito surpresa, pois apesar da professora ter sido ingressada a pouco menos de quinze dias naquela sala de aula e mesmo não tendo formação pedagógica, sendo a mesma tendo outra formação que era na área de biologia mesmo assim ela demonstrava interesses em passar alguns conhecimentos que tinha para aquelas crianças, depois que conversamos e trocamos alguns conhecimentos percebi o quanto era importante saber que ali também aceitava crianças com síndrome de autismo, a professora anterior havia se aposentado. Depois de nossa conversa também foi para seu momento de descanso, os alunos já tinham ido para o pátio.

Quando o aluno chegou veio como sempre acompanhado de sua mãe, que é muito simpática por sinal, é muito empenhada para que seu filho se desenvolva na escola. Nesse instante a cuidadora, recebe ele que o leva diretamente para classe, ambos se cumprimentam carinhosamente. Ele não foi para o pátio, logo que chegou estava sonolento. Ele gosta de sentar na cadeira e ficar no birô da professora, que nesse momento estava em seu momento no intervalo, aproveitamos que já tinha tomado café e por ali mesmo ficamos. Então o aluno senta e comecei a conversar com ele sobre a tarefa proposta que eu tinha preparado para ele.

E assim fizemos a principio expliquei e orientei como fazer. Falei de maneira que ele me olhava atentamente. A sala estava tranquila no momento da proposta. Lancei mãos aos trabalhos, que defini para aplicar em uma duração em média de 20 minutos para cada função, ou de acordo com o interesse e a necessidade dele. Devido ao horário que ele chegava em torno de nove horas da manhã, acompanhei a rotina dele, conforme era feita. Ao chegar guardava a bolsa, ia ao banheiro, dava uma volta no pátio para em seguida ir para classe. Para a concretização da aplicação das primeiras tarefas e na expectativa do desempenho de ver e analisar o aluno na sua aprendizagem realizei meu estágio da seguinte forma:

MOMENTO DO RACIOCINIO

A professora Janine, deu a opções de escolher quais funções iriam ser aplicadas nos primeiros quatros momentos. Para o primeiro momento tentei explorar a capacidade de trabalhar um objeto em sua amplitude. Para provocar no aluno a sua capacidade de raciocínio, os trabalhos apresentados ocorreram de maneira clara e simples.

Usei tampinhas de garrafas exploramos a forma do objeto, as tampinhas eram de cores amarela, verde, e outras duas com tonalidade de cores azul escura e clara, com o propósito nessas duas últimas de ver a forma do raciocínio do aluno juntar duas cores bem parecidas. Quem sabe. A atividade foi em uma folha de papel A4 que tinha quatro círculos distribuídos de forma horizontal, pedi para ele pintar os círculos da atividade de acordo com as cores das tampinhas lhes dadas, depois que ele pintasse ele irar colocar cada tampinha nos círculos pintada por ele de maneira sequenciada. No primeiro momento observei-o com um olhar voltado para a tarefa, entretanto meio indiferente, em dados momentos já prestava atenção nas nossas orientações em seguida tentava fazer, quanto a pintura dos círculos não se interessou em pintar, e ao mesmo tempo não consegue pintar, a cuidadora pede para que pegue em sua mão, disse que não. Poderia ser livre e espontâneo a aprendizagem. Mesmo assim tentei

orientá-lo. Vi que como não conseguia pintar, pois não tem firmeza ao segurar o lápis, apenas tentou rabiscos coloridos. Apesar da dificuldade, se interessou tentando colocar as tampinhas nos círculos coloridos, que orientei fazer. Percebi que é atencioso, escuta e presta atenção quando falei com ele, transmitiu interesse na ação proposta. Porém as habilidades dele acredito são pouco provocadas.

O objetivo dessa atividade foi para ver sua capacidade de raciocínio, se o aluno conhecia as cores, e entendia de quantidade, pois, ao mostrar o material, expliquei a tarefa falei sobre as cores, a quantidade de tapinhas e a quantidade de círculos que tinha no desenho. Entretanto, ele não tem leitura de cálculo. Perguntei a cuidadora se ela trabalhava alguma tarefa com ele, do tipo, a cuidadora respondeu que não, sei que não é o papel dela. De acordo com suas instruções ela fez magistério, e que tinha construído um brinquedo para ele, com aquele mesmo estilo de tampas, fez um colar furou no meio e colocou num barbante era o brinquedo que ele levava para a escola. Quanto a professora atual não o incluía nas tarefas, sequer mesmo o aluno tendo livro didático.

MOMENTO DA COMPREENSÃO

Já no segundo momento para entendermos o processo de aprendizagem do educando propus um exercício de compreensão. Então entreguei e expliquei uma atividade para o aluno que trabalhava com o alfabeto móvel. O aluno orientado tinha que colocar a primeira letra de cada objeto visto para formar a palavra e assim iria identificado o nome de cada um. O intuito da tarefa era para que o aluno pudesse reconhecer e entender sobre o processo da escrita e noção das letras. Observei que o aluno manuseou o alfabeto móvel, porém o que lhe chamou a atenção são atividades que requer colorido. Em um dado momento, o olha atentamente do aluno na atividade que foi deixada de propósito perto dele para ver se lhes despertava alguns interesses, vejamos a imagem a seguir:

MOMENTO DA IMAGINAÇÃO

No terceiro momento mostrei ao aluno um brinquedo, que se chama de “bolhas de sabão”. O objetivo dessa atividade era ver se o aluno conseguia abrir a tampa rosqueada, se soprava o líquido para forma bolhas de sabão. A princípio orientei como funcionava, entreguei para ele o brinquedo, onde a partir daí, deixei seguir o processo de imaginação.

Essa tarefa era uma função específica onde o próprio aluno iria ver quando soprasse iria sair bolhas de sabão colorido. O aluno teve atitude conseguindo abrir a tampa do brinquedo, tentando formar as bolhas com seu sopro. Tentei ajudá-lo foi quando soprei e subiram algumas bolhas ele conseguiu observar em dados momentos. Pedi a ele para estourar, mas ele não se interessou. Apenas sorriu. Nesse contexto mostrei três imagens relacionadas a esse momento.

MOMENTO DA FUNÇÃO PERCEPÇÃO

Nesse momento usei uma metodologia ativa considerar os conhecimentos prévios do aluno. Para trabalhar a percepção convidei o aluno juntamente com sua cuidadora para dar uma volta no espaço externo da escola, tinha observado naquele espaço algumas árvores frondosas. Partindo desse ambiente pedi para brincar de se esconder. Então observei que ele entendeu a proposta e foi seguindo em direção a uma árvore. A cuidadora também se escondeu com o aluno, ele foi para baixo do coqueiro então comecei a nossa interação partindo das perguntas em voz alta. Perguntando: onde você está? Ele não respondia. Pois não falava, mas pela sua expressão sabia que estávamos ali, encarou como uma brincadeira, vi que quando chamei certa hora pelo seu nome, ele que ia caminhando olhou para trás. O ambiente proposto foi para desenvolver habilidades motoras e sensoriais. O aluno caminhou, pegou no tronco das árvores. A medida que ele se escondia ele era provocado a responder enquanto se esquivava ao seu redor.

MOMENTO RELACIONADO À MEMÓRIA

Seguindo outro momento da aplicação das funções apliquei, para o aluno mais uma atividade relacionada à sua aprendizagem. Nesse dia ele chegou um pouquinho mais cedo, ou seja, antes das nove horas da manhã. Colocou sua mochila na classe e logo já foi saindo foi no refeitório passeou um pouco no pátio da escola, e retornou a sala de onde já havia estado. Tudo isso acompanhado de sua cuidadora. Chegou meio agitado indo rápido de um lugar para o outro. Vi que quando entrou na sala de aula os colegas foram indiferente a sua presença, e logo a professora libera os alunos que vão lanchar, ela também segue para sala dos professores. É momento do intervalo da professora de tomar um café com as outras colegas. Como já sabia estava ali para aplicar o restante das minhas atividades com o aluno. Encontrei

a mãe dele, ficamos conversando um pouco. Fomos para a sala multifuncional mostrei para ela o material didático, como seria a aplicação das atividades, ela ficou encantada, pois sabe de fato que a aprendizagem do seu filho deixa a desejar. Pediu para que eu falasse com a professora atual, para ver a possibilidade de ele incluir seu filho, nas atividades do dia a dia da escola. Confidenciou-me a falta de material, que seu filho não recebe nenhum livro relacionado a série em que está. Comprometi-me em falar, e disse que logo que aplicasse as atividades lhes daria o material didático que preparei para que a cuidadora dessa continuidade as atividades. No dia anterior deixei com a cuidadora. Após o intervalo, pedi a professora para aplicar as atividades do aluno, pois ela já tinha conhecimento do meu estágio naquela escola. Eu queria que a professora titular me desse a oportunidade de aplicar aquelas atividades com o aluno juntamente com os demais colegas que estavam naquela sala de aula. Pois a oportunidade para aplicar o trabalho com o aluno não foi possível, a professora titular da sala não permitiu. Naquele dia eu tinha levado um conteúdo para falar sobre a criança autista eu queria passar para os determinados colegas do aluno como eles poderiam conviver socialmente com ele sem ter nenhum preconceito em relação a síndrome do autismo, mas a professora explicou que como os conteúdos dos alunos estavam atrasados e estava chegando a semana de avaliações eu não poderia explicar sobre o assunto no momento.

Como não consegui aplicar as atividades na sala atual onde o aluno estava matriculado por causa dos alunos que estavam com assuntos atrasados resolvi ir para outra sala, com a cuidadora. Trabalhei as atividades da seguinte forma: o material didático utilizado foi as sombras dos animais que foram montadas em folhas de isopor. A metodologia usada tinha por objetivo explorar a aquisição da aprendizagem partindo da vinculação e correlação das imagens vistas no desenho, como por exemplo, uma vaca, uma borboleta (...). Esse jogo era chamado de “jogo da memória” o material didático para trabalhar com a memória do educando, foi confeccionado por mim. Conversei com o aluno expliquei sobre a tarefa que seria feito da seguinte maneira: Mostrei o desenho a sua sombra em seguida partindo da orientação, dada pedi ao aluno para colocar cada desenho respectivamente a sua sombra. Fiquei o vendo reproduzir o que ouviu, mesmo tendo um só ouvido Lucas escutava muito bem.

Observei que o aluno não conseguiu vincular a sombra a imagem. A tarefa estava no contexto dele, pois sua mãe falou que quando vêm trazer-lo na escola se ver um animal mostra para ele e diz seu nome. Por exemplo, na figura da cabra que tinha na atividade, fiz o berro dela, da vaca fiz o mmmm!!!! Ele me escutava, quando fiz o som que os animais fazem. Ele respondeu tentando fazer a tarefa proposta. o aluno não utilizou sua atenção para

memorizar a sombra dos desenhos, Entretanto como soube por sua cuidadora, ele não está habituado a fazer exercícios no dia a dia da sala de aula. Sequer não há atividades para fazer, muito menos lúdica.

MOMENTO RELACIONADO À ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS

Nessa competência levei um exercício já pronto em uma folha de papel A4, com desenhos de animais que tinha pelos listrados e pelos lisos. Pedi para que o aluno fizesse um círculo nos animais que eram iguais, porém ele não conseguiu fazer a associação dos respectivos pelos, não respondendo dessa maneira a atividade proposta, então instrui mais uma vez de maneira sistematizada.

MOMENTO DA OBSERVAÇÃO

Usei como material didático para a aplicação da atividade, tampinhas coloridas com as cores primárias e um tabuleiro feito confeccionado com folha de papel A4. Essa tarefa tinha como intuito mostrar as formas geométricas o quadrado o formato das tampas e das cores. Explorei as competências do aluno, pois queria contribuir para o desenvolvimento dela a partir do reconhecimento das cores. Para tanto oralmente falei do tabuleiro e das cores que estavam em cada quadrado, para em seguida o aluno pegar as tampinhas coloridas e ele colocar em cima de acordo com a cor, ou seja, para cada quadrado colorido uma tampinha da mesma cor. O objetivo dessa atividade foi para despertar no educando a associação das ideias, de maneira que a atividade trabalhasse a capacidade de ligar uma imagem mental a ideia da outra, seguindo de duas experiências o tabuleiro colorido e as tampas vinculadas as cores desse.

O nível de resposta para essa atividade foi muito proveitosa, “L” conseguiu responder um pouco a minha expectativa. Nesse dia o clima me favoreceu devido ao momento da aplicação das atividades esperei o aluno se adaptar respeitando ao tempo dele, pois deixei ele relaxar na sua rotina de maneira bem natural. Observei que ele se identificou muito com as cores, sobretudo coloridos fortes, geralmente as atividades que tinha algo com cores foram as mais proveitosas. O ambiente também contribui. Observei que o aluno se identifica mais com o silêncio.

MOMENTO DA ATENÇÃO

Na oitava e última atividade proposta da atividade o material didático mais uma vez que utilizei foi a folha de papel A4 colorida, um círculo confeccionado com isopor e uma tesourinha. Para o aluno fazer a atividade o instruí, mostrei o desenho do círculo feito com isopor e pedi para que ele desenhasse esse círculo na folha de papel, A4. Queria explorar a capacidade do aluno lidar e observar situações e a maneira como lida com os acessórios no caso a tesoura. Ia pedir para o aluno usar a tesourinha, entretanto observei em outros momentos que ele tem pouquíssima coordenação motora fina, tive receio que ele se machucasse. Ele tentou fazer o exercício, ou seja, fazer o círculo, porém tive que interferir. Ele demonstrou dificuldade em sua coordenação, para fazer o círculo no papel, mesmo com a minha ajuda. Quanto a essa atividade o aluno se comportou respondendo a partir de provação e estímulos, não se negando a participar, brincou um pouco com essa atividade.

EXPERIÊNCIAS VIVÊNCIADAS

Ao aplicar as atividades, das ações propostas, pude ver como se porta um aluno autista diante dos exercícios relacionados a competências. O aluno não é alfabetizado, e tem pouca desenvoltura para desenvolver atividades. Cada atividade foi desenvolvida de acordo com a proposta feita por mim que entendi o quanto é importante respeitar a especificidade do aluno e tentar potencializar as dificuldades. A professora da turma chegou a pouco tempo, mas pelo visto não entende do processo de inclusão, me barrando na sua sala, e não permitindo a aplicação das tarefas nem socializando ou interagindo com o aluno especial. Enquanto que sua cuidadora não tinha proposta de tarefas, na sala de aula para explorá-la a aprendizagem do aluno. Apliquei as primeiras quatro etapas das atividades do aluno no recreio, pois ele sempre chega à escola quase nove horas da manhã. De acordo com sua mãe ele dorme tarde. Em relação as atividades propostas ele se predispôs em contribuir da maneira dele. Pela sua desenvoltura, acredito que tem pouca ajuda na sala de aula, não participa das atividades de classe com os outros colegas, está sempre com sua cuidadora. Ao pedir minha ajuda a professora não recusou, porém percebi que a professora estava preocupada em abraçar a causa da inclusão, pelo fato de permitir a minha entrada na sala em que o aluno estuda, para que eu pudesse trabalhar com ele atividades importantes para sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face à dimensão da temática sobre o autismo, conclui-se que o Brasil, ao ter criado a Lei 12.764/2012 e instituído a Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, não só contribui para a visibilidade destas pessoas que viviam sem direito a inclusão escolar e em reiterou uma condição ao tornar legítimas as suas demandas, como deu condições de superação dos desafios de implantação de propostas e de um serviços de qualidade, integrada por ações das distintas áreas e nos três níveis de governo, seja distrital, estadual e municipal , caracterizando um verdadeiro avanço da democracia brasileira na perspectiva da equidade de oportunidade.

A escola é um ambiente de aprendizagem, vivência e valores. Nela a comunidade escolar se socializa, aprende, brinca e experimenta conviver com a diversidade. O ambiente escolar favorece amizade e solidariedade de alunos e professores e de professores e alunos.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que disciplina a educação escolar determina uma política nacional para a educação, para tanto a educação deve ser construída em uma parceria, no Art. 2º, diz que,

A educação deve ser da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação no trabalho. Inciso XI- Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas social.

Vi que o ambiente escolar como um espaço educativo, e isso é um dos fatores de motivação para o educando se desenvolver e não se evadir mesmo tratando-se da educação especial, que é uma modalidade de ensino onde o profissional compreenda o processo de inclusão. Nessa dimensão analisamos que a escola regular tem seus próprios critérios, os elementos aqui apresentados foram baseados em algumas dimensões importantes da realidade que vivenciamos, ou seja, a realidade da funcionalidade, do que é.

Esse trabalho foi fundamental, educadoras que já, pudesse compreender sobre como o processo de ensino aprendizagem desse educando acontece.

De acordo com a aplicação das ações, nos traçados dessas atividades pode-se contribuir e ajudar para que esse aluno especial, pudesse desenvolver um pouco mais, adquirir autonomia, independência no desenvolvimento do raciocínio, ampliando sua coordenação e cognição. Entender sobre o papel do pedagogo e as contribuições da pedagogia diante das questões relativas a educação especial trouxe uma imensa experiência, sabendo que nessa profissão ainda resta muito o que estudar e contribui para esse contexto. As ações

vivenciadas concluem que o ambiente escolar é um espaço educativo, e isso é um dos fatores de motivação para o educando se desenvolver e não se evadir mesmo tratando-se da educação especial, que é uma modalidade de ensino onde o profissional tem que compreender o processo de inclusão respeitando a especificidade de cada educando. Nessa dimensão analisamos que a escola regular tem seus próprios critérios, os elementos aqui apresentados foram baseados em algumas dimensões importantes da realidade do aluno e o processo de funcionalidade da escola sobre o que é possível funcionar ou não.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

BRASIL. Decreto N° 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei n° 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 1999. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/decreto/D3298.htm>>. Acesso em 19 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Resolução n° 4, de 2 de outubro de 2009. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12716&Itemid=863>. Acesso em 17 abril 2017.

_____. N° 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Guatemala: 2001. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/decreto3956.pdf>>. Acesso em 12 maio. 2017.

GOMES, Camila G. S. *Desempenhos emergentes na aquisição de leitura funcional de crianças com autismo*. 2007. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <http://200.136.241.56/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2128> . Acesso em 10 abril 2017.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. A Criança Autista, um estudo Psicopedagógico
_____. Janine Marta Coelho, Habilidades Básicas para a Alfabetização. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm> Acesso em: